

Cidades que não foram: João do Rio e o avanço da República no espaço urbano do Rio de Janeiro

Ligia Thomaz Vieira Leite¹

Resumo

Como mirar o futuro sem se voltar para o passado? Como criar possibilidades sem o exercício da imaginação? Pensar a deterioração da qualidade de vida nas cidades implica olhar pra trás para poder mirar à frente. Se as cidades se constroem de forma cada vez mais segregada, é fundamental encontrar os caminhos alternativos que foram abandonados nesse processo. No Rio de Janeiro, a literatura – urbana por excelência – de João do Rio nos permite um olhar para os caminhos da cidade e os trajetos alternativos abandonados no percurso. Escrevendo no início do século XX, em uma cidade que começava a transcrever em seu desenho urbano divisões que já se marcavam na sociedade, João do Rio se destacou pelo seu apurado olhar para a cidade e as relações que nela se estabeleciam e, principalmente, pela forma que soube traduzir em texto essas relações. Em uma análise da vida e da obra do autor, o trabalho busca apresentar um encadeamento entre o rumo de suas publicações literárias e o avanço do aprofundamento das divisões urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro, assim como da construção da imagem de João do Rio enquanto intelectual carioca. Em uma investigação que se pretende simultaneamente biográfica, bibliográfica e urbanística, o trabalho parte da identificação dos temas debatidos nos primeiros textos do autor como um mapeamento de caminhos possíveis para a cidade que já começavam a ser sufocados pelo avanço da República, para seguir para a compreensão de seus textos posteriores como uma anuência ao poder das classes dominantes, seus *habitus* e seu estilo de vida, mas, principalmente, sua proposta de cidade – uma cujo desenvolvimento levou à crise contemporânea. O mapeamento dos futuros que não foram, apresentados à leitura contemporânea por João do Rio, oferece caminhos para pensar futuros possíveis que recuperem essa história da cidade abafada pelo avanço implacável das forças de "ordem e progresso" ao longo do século XX, fio condutor do trabalho a ser apresentado.

Palavras-chave: João do Rio; Rio de Janeiro; cidades possíveis; sociologia da literatura.

Introdução

Se uma cidade se constroi em tijolo, aço e concreto, é nas ideias que ela se consolida. Ideias de políticos, engenheiros e arquitetos, sim, como é de se imaginar, mas também de poetas, cronistas, romancistas e outros intelectuais, assim como das ideias de seu próprio povo; ideias de prédios, ruas e avenidas, sim, mas também de histórias, nomes, eventos e comunidades. E embora muitas dessas últimas ideias se percam no correr do tempo, por vezes a sorte sorri e algumas delas são registradas em texto e chegam à posteridade. Nas letras de João do Rio, muitas dessas histórias, eventos e comunidades chegaram à leitura de olhos contemporâneos e podem sugerir caminhos possíveis que,

¹ O presente ensaio é um desenvolvimento de algumas das reflexões postuladas em Leite, Ligia Thomaz Vieira; Carvalho, Maria Alice Rezende de, (Orientadora). **De Paulo Barreto a João do Rio**: um intelectual carioca na República Velha. Rio de Janeiro, 2023. 141 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

atropelados pelo avanço das forças republicanas, foram abandonados ao longo da História. Caminhos cujas ruínas ainda hoje se fazem presentes nas complexas camadas que compõem a cultura urbana carioca; caminhos que, em um exercício palimpséstico, este artigo busca reencontrar para propor novas (antigas) rotas para a busca de um consenso sobre a cidade do Rio de Janeiro. Em outras palavras, unindo a reflexão literária à sociológica, o trabalho aqui apresentado busca nas permanências históricas realizadas à revelia da atuação estatal possíveis trilhas para a construção de consensos normativos acerca da noção da cidade, que tenham em conta a realidade própria do Rio de Janeiro e possibilitem a composição de um novo olhar para o seu desenvolvimento.

Há 30 anos, no ensaio inaugural de seu ainda contemporâneo "Quatro Vezes Cidade", Maria Alice Rezende de Carvalho (1994) enfrenta o impasse atingido pela construção de um consenso em torno da ideia de cidade, reconstituindo os caminhos que levaram a uma consolidação da imagem desta como objeto fragmentário impermeável à composição política e à ordem institucional. Constituição esta que deu lugar a uma cultura política autoritária que tem no Estado o ente capaz de organizar "por cima" a convivência entre os diferentes mundos. A professora propõe, portanto, a investigação das imagens urbanas como um caminho possível para a afirmação de "um novo desenho mental que possa romper com a velha cultura autoritária e abrir caminho à democratização do Estado" (Carvalho, M. A. R., 1994, p. 27). É na esteira desta proposição da socióloga que segue o ensaio a ser aqui apresentado, que se dedicará, primeiramente, a caracterizar o Rio de Janeiro da *belle époque*, para, em seguida, apresentar João do Rio e localizá-lo neste cenário, e, enfim, debruçar-se sobre suas crônicas, de modo a reconstruir uma imagem de cidade a elas subjacente que possa melhor informar, ao leitor contemporâneo, sobre possíveis caminhos alternativos para o futuro.

Cidade em transição: a *belle époque* no Rio de Janeiro

Não é novidade estabelecer que o período compreendido entre 1870 e 1920 foi definidor e de intensa modernização em boa parte das grandes cidades latino-americanas, dentre as quais se destaca, para o trabalho aqui realizado, o Rio de Janeiro. Com a derrocada do Império e o fim da escravização, crescem os fluxos de migração do campo para as cidades e, no centro deles, localiza-se a capital nacional: a cidade do Rio de Janeiro. Chegam à cidade, não apenas os fazendeiros em busca de fazer valer sua representação política, mas também milhares de ex-escravizados, agora libertos mas sem trabalho, em busca de oportunidades. Estes fluxos intensificam o crescimento urbano e, não estando de todo espalhadas bases da segregação espacial urbana, fazem conviver nas ruas pessoas de diferentes origens e costumes.

O governo republicano recentemente instituído temia essas classes, socialmente heterogêneas, politicamente mobilizadas e divididas em seus conflitos internos. Desse modo, baseando-se em uma concepção de liberalismo que tinha o direito político como, antes de tudo, um dever, concedido pela sociedade aos que julgasse merecedores, o Estado operou um procedimento de neutralização da influência política da capital objetivando distanciar essas classes do poder político, que, desse modo, seguia manifestando os interesses do Brasil agrário (Carvalho, J. M., 2019). Associada a essa tentativa de exclusão, foi realizado um procedimento simultâneo de domesticação desses grupos populares na tentativa de destruí-los ou, ao menos, expulsá-los do centro de poder da República (Carvalho, J. M., 2019). É criado, assim, um submundo da cultura popular que continua a viver, mesmo afastado do mundo da política institucional, circulando pelas ruas da cidade, ocupando o espaço público – um mundo que abrigava cidades alternativas, afastadas dos desígnios da política institucional.

Nesse mundo subterrâneo, onde não vigia um controle como o exercido em outras partes do país pelos domínios senhorial e fabril (Carvalho, M. A. R., 1994), os grupos sociais que não pertenciam às classes dirigentes, criavam outros mecanismos de participação política, externos às instituições governamentais. Essa participação assumia uma natureza antes religiosa e social, de forma muito fragmentada e era deliberadamente mantida às margens do mundo da política institucional, uma vez que identificada com uma ideia de desordem. Essa plebe era responsável por organizar o mundo cultural da cidade, ocupando com sua produção o espaço urbano (Carvalho, M. A. R., 1994).

Ao mesmo tempo em que tudo isso ocorria, as transformações tecnológicas se espalhavam pelo Rio de Janeiro, onde eram incorporadas pelas elites, juntamente com as referências culturais europeias, como símbolos do avanço da civilização (Sevcenko, 1999). Nos meios de comunicação, essas mudanças geram uma verdadeira revolução, possibilitando uma aceleração sem precedentes da vida que se desenvolvia na cidade e levando ao empreendimento, pelo poder central, das transformações no desenho da cidade para adequar-se a essa nova dinâmica acelerada. Essas mudanças urbanas visavam não apenas acompanhar o desenvolvimento tecnológico, mas também difundir a ideologia que o sustentava, em um projeto simultaneamente urbanístico e civilizatório – a cidade tornava-se, assim, o espaço de exemplaridade do ideário republicano, crescendo, entre as classes dominantes, o prestígio do espaço público (O'Donnell, 2008). Nesse contexto, portanto, nota-se uma publicização do espaço urbano, fazendo com que, nas ruas, encontrem-se pessoas de diferentes grupos e classes sociais, o que era favorecido pela estrutura urbanística que ainda vigia – e em breve seria reformulada.

É Ángel Rama (2015) quem explica o fato de a modernização das cidades latino-americanas, associada ao peso enorme das instituições nesses locais, haver aberto espaço para o surgimento de um novo tipo de intelectual, não mais vinculado ao exercício do poder, mas profundamente ligado à vida urbana. Um grupo de intelectuais que, sofrendo com um certo estranhamento em relação à realidade cidadina que estava mudando, recorreu à escritura, incorporando essa cidade que se transformava às produções literárias. No caso específico do Rio de Janeiro, porém, estes intelectuais que, estranhando a nova realidade social, vão inscrevê-la nas páginas de livros, jornais e revistas, não fazem parte do grupo de "cidadãos já estabelecidos e descendentes de velhas famílias" (Rama, 2015, p. 87), mas sim de um "cujo lugar social e posto de observação prioritário foi, originalmente, a *rua*" (Carvalho, M. A. R., 1994, p. 31), o que foi possibilitado pela proliferação dos periódicos e pelo contexto empresarial que se constituía em suas redações.

Profundamente afetados pelos desenvolvimentos tecnológicos da época, tanto em sua forma, quanto em seu conteúdo, os jornais cariocas também sofreram importantes transformações nesse período. Foram aumentadas as tiragens e a velocidade de impressão, além de terem sido incorporadas inovações na forma de publicação das matérias, com o surgimento das manchetes e a inclusão de imagens (SÜSSEKIND, 1987). Em uma cidade em que quase 50% da população era iletrada, estes recursos permitiam que os textos alcançassem novos públicos e que os periódicos, pouco a pouco, comesçassem a se consolidar como uma via para o complemento de renda de jovens intelectuais nacionais e, em breve, para sua profissionalização. São estes jovens intelectuais, aqueles a formar o contingente responsável por produzir e reproduzir imagens da cidade cujos desenvolvimentos ainda hoje impactam profundamente as dimensões simbólicas do mundo urbano carioca.

Um dândi carioca

É nesse contexto de intensas transformações que nasce João do Rio. Ou melhor, nasce João Paulo Coelho Barreto, o homem que, anos mais tarde, assumirá para si o nome e a personalidade de João do Rio. Nascido em 1881, em um sobrado nas proximidades do Campo de Santana, Paulo Barreto era filho de um professor de matemática descendente de uma família política branca e rica em decadência e de uma mulher negra de ocupação desconhecida, esta, por sua vez, nascida de uma relação fora do casamento de um importante médico branco com uma mulher negra de baixo nascimento, ligada ao movimento abolicionista (Rodrigues, J., 2010; Magalhães Júnior, 1978). Sua composição familiar é um sinal do momento histórico: o grupo representa uma nova camada média urbana, não diretamente ligada ao governo, nem presa aos trabalhos braçais associados aos escravizados. Uma camada letrada que tem como principal fonte de renda o exercício de profissões liberais *na cidade* e que estabelece relações, seja por parentesco ou por outros meios, tanto com os estratos mais altos da sociedade (deputados, ministros e viscondes), quanto com os mais baixos (escravizados e ex-escravizados).

Desse fato, derivam dois pontos de grande relevância na constituição do autor. O primeiro, logo identificado pelo cronista, era o fato de que, advindo de uma família de classe média urbana, sua posição social estava diretamente vinculada às suas possibilidades de acúmulo de capital, o que foi determinante para seu ingresso na imprensa, ainda muito jovem. O segundo é que, criado no centro da cidade, em proximidade, tanto dos grupos mais seletos da elite local, quanto das fatias mais estigmatizadas, o jovem Paulo cresceu bem no centro do "turbilhão de mudanças que tanto mareava seus predecessores" (O'Donnell, 2008, p. 34), o que o localizou em uma relação um pouco mais confortável com as transformações por que passava a cidade do Rio de Janeiro e com o trânsito por locais ocupados por diferentes grupos.

Nesse contexto, a imprensa, que passava, como a cidade, por muitas transformações, logo se mostrou uma alternativa viável para possibilitar a ascensão social e financeira do jovem intelectual. Incorporado aos quadros da *Gazeta de Notícias* – um dos principais jornais da imprensa carioca – por indicação de Nilo Peçanha, aos 22 anos, Paulo Barreto começa a cada vez mais frequentar os espaços das elites cariocas e assumir, pouco a pouco, seus hábitos e costumes. Não demorou para adotar para si o pseudônimo pelo qual ganhou fama, João do Rio, ao qual associou toda uma representação pública de si. Esta representação, assim como o nome que a distinguiu, guardava uma intrínseca relação com a cidade por onde transitava e que figurava como principal mote para seus textos.

Graças à sua origem fronteiriça entre os mundos da elite e do povo, o autor foi capaz de transitar entre diferentes espaços e entre os diferentes grupos que os ocupavam e, graças ao lugar social que ocupava enquanto escritor cujo posto prioritário eram as páginas dos periódicos, pôde traduzir esses percursos em suas crônicas. Assim, com uma sensibilidade irretocável, João do Rio foi capaz de observar a divisão que se fazia no Rio de Janeiro entre os mundos da "alta" e "baixa" sociedade, assim como as transformações urbanas às quais a cidade estava sendo sujeita e, ao transpor suas crônicas para os livros, congelar no papel as imagens da cidade que o poder público se empenhava em invisibilizar. Mais do que apenas descrever, os escritos de João do Rio apresentam, conforme Julia O'Donnell (2008), a presença de um temperamento etnográfico que permite a quem o lê acessar os "aspectos mais sensíveis (e por isso menos acessíveis) da urbanização do espaço da cidade e de seus habitantes" (O'Donnell, 2008, p. 15), possibilitando assim um acesso privilegiado às memórias de uma cidade que, com o tempo, foi aplanada pela racionalidade técnica dos planos republicanos.

O Rio de João do Rio

Antes de avançar para mirar o texto de João do Rio e a cidade por ele apresentada em suas crônicas, é importante destacar que o autor não se pretendia neutro perante as modernizações pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro, nem tampouco assumia o lado daqueles que resistiam aos projetos segregadores republicanos. Partidário da civilização em seu modelo mais europeizado, João do Rio fazia questão de se postar como parte da elite intelectual, marcando seu estranhamento perante as classes populares, seus hábitos e os locais por elas frequentados, de modo a tornar palpável no texto seu distanciamento destes grupos². A estratégia, embora muito provavelmente reflita também as crenças e valores pessoais de Paulo Barreto, está perfeitamente afinada com a proposta da construção da imagem de João do Rio enquanto escritor vinculado a essa nova cidade moderna que desponta no Rio de Janeiro. A inserção das representações escritas desse mundo popular na arena de disputa pela formação da imagem do Rio de Janeiro, porém, ainda que em chave de valoração negativa, em textos que simultaneamente se apropriaram das influências estrangeiras, as reinventava em uma espécie de pastiche, criando novas possibilidades de relações entre a cidade submersa do povo e a cidade cartão-postal da república, comandada pelas elites (O'Donnell, 2008). Um procedimento conduzido de forma espelhada na forma textual e na sociabilidade urbana produzida e reproduzida a partir da circulação dos textos em questão.

Retomadas as ideias da primeira seção deste trabalho, o Rio de Janeiro em que escreve João do Rio é uma cidade em transformação. Com cada vez mais gente ocupando o espaço urbano, a República lança-se na empreitada de expulsar dos locais mais centrais da capital corpos e comportamentos que não se adequam aos ideais europeizados de modernização que vigiam. Os grupos expulsos desse centro de poder, passam a organizar o mundo cultural da cidade em "repúblicas paralelas" que, embora não tivessem atuação na política formal, possuíam outros mecanismos de participação. A tecnologia evolui rapidamente, a vida urbana se acelera, e quanto mais se institui a segregação espacial, mas aumenta o prestígio do espaço público. Esses procedimentos, contudo, não se dão de uma só vez, mas sim influenciam-se mutuamente ao longo de muitos anos, gerando um cenário de profunda instabilidade simbólica. Na tensão entre realidade e discurso, abre-se espaço para a definição de novas hierarquias e papéis sociais. E é sobre esse cenário em transformação que escreve João do Rio.

A cidade narrada por João do Rio é uma cidade que, sem dúvidas, se pretende moderna. Esse ponto fica explícito tanto na forma – que bebe de fontes estrangeiras para incorporar temas locais –, quanto no conteúdo de seus escritos. E embora, em ideal, essa modernidade estivesse associada à segregação social, na realidade do cotidiano urbano, a cidade despontava como espaço de encontro; um em que "apesar de aparentemente separadas, as várias composições do tecido social estão em constante interação e processo de negociação" (O'Donnell, 2008, p. 110). Um bom exemplo de como esta característica se mostra na narrativa de João do Rio se encontra na obra "As religiões do Rio", onde o autor não apenas conta da entrada de *babalorixás* nas casas das elites, em Botafogo e na Tijuca, mas também da frequência de membros da elite às casas de "feitiçaria", associadas à cultura das comunidades negras da cidade e cujos trabalhos teriam sido responsáveis por fazer deputados e conseguir cargos importantes, ou até mesmo resolver disputas familiares. Entrelaçam-se com

² Uma reflexão mais detalhada sobre a construção desse distanciamento nos textos do autor e a importância desse fator para a construção do personagem João do Rio se encontra em Leite, Ligia Thomaz Vieira; Carvalho, Maria Alice Rezende de, (Orientadora). **De Paulo Barreto a João do Rio: um intelectual carioca na República Velha**. Rio de Janeiro, 2023. 141 p. Dissertação de Mestrado -Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

frequência, portanto, os dois mundos, da ordem e da desordem, da cidade oficial e da paralela, das elites e do povo.

Nesse contexto, o espaço público ganha muito destaque, principalmente em sua oposição ao espaço privado da casa e da família, cujo protagonismo estava profundamente associado com o regime político anterior. Assim, a cidade, em João do Rio, se torna um lugar de experimentação intersubjetiva, onde a disputa de significados está diretamente associada ao encontro com o diferente *na rua*. Explica Julia O'Donnell (2008, p. 130): "(...) na *praxis* urbana, cenário e personagens compõem um quadro sincrônico e recíproco de construção simbólica". A narrativa urbana é polifônica e impossível de se apreender no detalhe, mas, nas crônicas – formas textuais essencialmente breves – faz-se inteligível em uma versão parcial ou, para usar a expressão de O'Donnell (2008, p. 133), caleidoscópica.

Ainda mais importante, porém, é a identificação dos significados da cidade como culturalmente definidos e, portanto, profundamente relacionados com as ações dos transeuntes. É Julia O'Donnell (2008, p. 134) quem identifica nas crônicas de João do Rio a existência de uma cartografia "sensorialmente produzida pelos caminhantes que, criando atalhos e 'regiões morais', atualizam os enunciados que recebem". Nessa versão moderna de uma metrópole tropical, os textos de João do Rio conseguiram capturar a "apropriação concreta do espaço idealizado da República, de modo a compreender como, na vida cotidiana, os indivíduos reavaliavam funcionalmente as categorias progressistas que o governo buscava incutir" (O'Donnell, 2008, p. 131). É nessa reavaliação, porém, que os cidadãos demonstram – e João do Rio transcreve – sua maior força na resistência perante os avanços do poder republicano segregador: a resistência à assimilação integral de seus desígnios, a partir de uma obediência falsa e incompleta, de seus desígnios.

Necessário ressaltar que embora fundamentalmente baseada na observação, a cidade subterrânea de João do Rio é ficcional e suas descrições carregam muito do olhar do autor. Como, contudo, o momento era de profunda instabilidade simbólica, suas representações da cidade exerceram forte influência na produção e reprodução deste mesmo centro urbano – do mesmo modo que este influenciou aquelas. Na tensão entre realidade e discurso, passado e presente, história e cultura, novas hierarquias e papéis sociais foram definidos nas relações cotidianas e, ao mesmo tempo, em sua representação espelhada nas páginas de jornais, revistas e livros – representação esta que João do Rio soube elaborar com maestria.

Dentro em pouco, as disputas simbólicas que caracterizam esse momento inicial da República e tinham no cotidiano cidadão sua arena principal se estabilizaram. Um novo programa nacional-modernizador se impôs a partir do Estado, tendo início na década de 1920 e atingindo seu ápice na geração de intelectuais estatistas getulianos de 1937. Incorporados às agências do Estado, os intelectuais foram utilizados como meios para a conquista de uma domesticação cognitiva e política das massas que apontava no mesmo sentido dos ideais modernos que começaram a despontar no tempo de João do Rio. O escritor, contudo, não viveu para assistir a esse movimento; tendo se afastado cada vez mais da observação "dos de baixo", como gostava de descrever as classes populares, faleceu em 1921 de um ataque cardíaco após um dia de trabalho.

Considerações finais

Em boa parte de seus escritos ao longo da vida, João do Rio levantou a bandeira do progresso civilizador como um caminho viável para a solução das mazelas da metrópole que se modernizava.

Dedicou sua vida a narrar a cidade que, em um turbilhão de mudanças, tentava copiar um ideal europeu de modernidade, mas, nesse processo, era obrigada a reinventar a própria definição da modernidade que tanto almejava. Como astuto observador dessa vida urbana, seus textos conseguiram capturar esse movimento e reproduzi-lo nas páginas, assim contribuindo com mais uma camada de significados para a produção e a reprodução da própria cidade. O Rio de Janeiro de suas crônicas – principalmente aqueles da primeira fase de sua vida intelectual – é uma cidade cujos significados estão a todo o tempo em disputa; uma disputa que tem nas ruas e na cultura duas arenas fundamentais. Nestas arenas encontram-se não só representantes das elites – embora tenham estes grande impacto no caminho a ser traçado –, mas também das classes médias e baixas da urbe, em frequente contato uns com os outros.

Com a consolidação do poder republicano, as forças segregadoras do ideal civilizatório, implacáveis, também avançaram, apagando muitas dessas arenas de disputas simbólicas, concretizadas em espaços de encontro e convivência entre grupos de origens diferentes. As manifestações da cidade subterrânea, aquelas cujas representações não cabiam no ideal de modernidade republicano, foram violentamente abafadas e os espaços que as acolhiam frequentemente demolidos – como o governo de Getúlio Vargas fez com a célebre Praça Onze, para dar lugar à avenida que levaria o nome do chefe de Estado – ou afastados do centro – como ainda hoje os governos da cidade do Rio de Janeiro insistem em fazer com as favelas e assentamentos urbanos. Ao olhar sensível, contudo, algumas brechas nos resultados dos empreendimentos de urbanização de massas ainda permitem a observação de alguns espaços de encontros, convívios e trocas, permeáveis à diversidade em suas mais variadas expressões.

Nestes espaços, como nas cidades narradas por João do Rio, a simbologia da cidade é definida culturalmente, com seus significados disputados a partir da ação individual que resulta do encontro entre diferentes. Se estes espaços já foram materializados nas arquibancadas do Maracanã – onde hoje apenas resquícios dessa sociabilidade ainda se manifestam –, hoje podem ser encontrados nos espaços de prática de esportes de praia, nos corredores das universidades públicas e, em agosto de 2024, em algumas das feiras de rua realizadas na cidade do Rio de Janeiro. São espaços como estes que o estado da arte da pesquisa sobre o ambiente urbano há muitos anos já identifica como fundamentais para a garantia de um bem-viver nas cidades. Seja com Jane Jacobs e sua aposta na diversidade como caminho para a vida social efetiva ou, mais contemporaneamente, com Eric Klinenberg e a identificação de que o desenvolvimento da coesão social se dá através da interação humana e da participação em projetos comuns, a proposta da convivência entre os diferentes assume um destaque no pensamento sobre a vida urbana (Carvalho, A. P. S. *et al.*, 2022).

Nesse sentido, o direcionamento da mirada para as cidades submersas de João do Rio naquilo que estas compartilham com os escassos espaços de encontro que ainda resistem hoje na cidade do Rio de Janeiro talvez possam oferecer ferramentas para pensar a criação de novos locais afeitos à diversidade de experiências e práticas urbanas. Ainda que não seja bem sucedido nessa empreitada, o olhar atento para estes espaços, constituídos, em sua maioria, à revelia da atuação estatal, pode oferecer pistas quanto às possíveis estratégias a serem empregadas em sua preservação e em seu surgimento.

Nascido João Paulo Coelho Barreto, João do Rio assumiu para si a alcunha e a imposição da cidade como tema. Importando as mais contemporâneas formas e matérias da literatura estrangeira, temperadas com assuntos de interesse local, o autor foi figura fundamental da consolidação de um novo gênero, legitimamente carioca, na literatura brasileira: a crônica. Uma forma que se caracteriza pelo hibridismo desviante, propriedade ovacionada por Silvano Santiago (2000) como marca distintiva da América Latina, onde o falar e o escrever, ao tentar mimetizar as formas da antiga metrópole, não conseguem conter a potência do elemento autóctone e levam a uma assimilação antropófaga que inevitavelmente se impõe

contra o poder colonial cujas amarras ainda prendem a sociedade. Nas crônicas de João do Rio, intrinsecamente ligadas à vida urbana, essa potência é nítida. Talvez também a cidade, como a crônica que a descreve, possa encontrar sua potência na assimilação insubordinada, no desvio da norma, ativo e destruidor, no encontro que se faz à revelia do Estado. Se a cidade fragmentária é impermeável à ordem institucional imposta "de cima para baixo", talvez seja hora de mirar atrás para compreender outras ordens possíveis que possam surgir desses espaços de encontro; ordens capazes de oferecer trajetos mais harmônicos para o caminho a ser enfrentado a seguir.

Referências:

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4 ed.. Rio de Janeiro: IPP, 2013.

CARVALHO, Ana Paula Soares; LEITE, Ligia Thomaz Vieira; LEITE, Renata Thomaz Vieira. Pensando espaços públicos e democracia a partir do estudo da legislação urbanística da cidade do Rio de Janeiro produzida desde 1988. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 46., 2022, Unicamp. Campinas: ANPOCS, 2022. Disponível em:

<https://www.encontro2022.anpocs.org.br/atividade/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNjoiYToxOntzOjE6IjRFR9BVEIWSURBREUjO3M6MzoiMTA0IjtzOjE6ImgiO3M6MzI6IjQ5NjIhZmU5NjM1Y2YwNjVhYzMyZjVINjVhZGFiZDI4Ijt9&ID_ATIVIDADE=104>. Acesso em: 01 ago. 2024.

CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa**: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Irineu Marinho**: Imprensa e cidade. São Paulo: Globo, 2012.

_____. **Quatro Vezes Cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

_____. Rio de Janeiro: crepúsculo da Ouvidor. GORELIK, Adrián; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.). **Cidades sul-americanas como arenas culturais**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978. (Coleção Vera Cruz: Literatura brasileira; v. 245).

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O'DONNELL, Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

O'DONNELL, Julia; JOGAIB, Lara (org.). **A cidade**: João do Rio. Rio de Janeiro: Contra Capa; Faperj, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.

RIO, João do [Paulo Barreto]. **As religiões no Rio**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio: vida, paixão e obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5700441/mod_resource/content/1/Santiago_O%20entre-lugar%20do%20discurso.pdf> Acesso em: 06 abr. 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.